



Linguagens líquidas e literatura



Olga de Sá



RESUMO

O objetivo deste artigo é mostrar como as “novas linguagens” da tecnologia afetam a Literatura e criam a possibilidade do autor-coletivo.



ABSTRACT

The purpose of this article is to show how the “new languages” of technology affects the literature and creates the possibility of collective author.



PALAVRAS-CHAVE

Linguagem – tecnologia –
literatura – comunicação



KEY WORDS

Language - technology -
literature - communication

A modernidade tem sido focalizada por muitos e diversos autores. Queremos destacar o enfoque de Bauman, polonês, hoje aposentado, vivendo na Inglaterra, mundialmente conhecido pela análise do que ele chama a *modernidade líquida* e pela chamada *sociologia humanística*.

A metáfora da *liquidez*, oposta à *solidez*, é muito apropriada para sugerir as mudanças e a fluidez da modernidade. Os líquidos, em oposição aos sólidos, não mantêm a forma, não se prendem ao tempo, não fixam o espaço. “*Tudo o que é sólido se desmancha no ar*” (M. Berman).

Os fluidos se movem facilmente. Eles “*fluem*”, *escorrem*”, “*esvaem-se*”, “*respingam*”, “*transbordam*”, “*vazam*”, “*inundam*”, “*borrifam*”, “*pingam*”; são “*filtrados*”, “*destilados*”; diferentemente dos sólidos, não são facilmente contidos – contornam certos obstáculos, dissolvem outros e invadem ou inundam seu caminho. Do encontro com os sólidos emergem intactos, enquanto os sólidos que encontraram, se permanecem sólidos, são alterados – ficam molhados ou encharcados. A extraordinária mobilidade dos fluidos é o que os associa à idéia de “*leveza*”. (BAUMAN, 2001, p.8).



Tudo é fugaz e transitório. Evitam-se os laços, e a Internet *deleta* os relacionamentos, que por ela se criam e se desfazem. O mundo é feito de

territórios flutuantes, em que indivíduos frágeis encontram uma realidade porosa. Só pessoas fluidas, ambíguas, em estado de permanente devir, transformação e constante autotransgressão podem se adaptar a esses territórios. Quando existe, o enraizamento só pode ser dinâmico, reafirmado e reconstituído diariamente, num ato fundador, iniciático de estar de viagem, na estrada. (SANTAELLA, 2007, p.17).

Avanços da Biologia, da medicina, das tecnologias em simbiose com o corpo, a cultura da mobilidade, fruto da comunicação móvel, a telepresença, a ubiqüidade, a distância virtual, condicionam novas linguagens, que se modificam constantemente. Verbo, som, vídeos (linguagens do tempo) se especializam nas *cartografias líquidas e invisíveis do ciberespaço* e as linguagens do espaço: imagens, diagramas e fotos se fluidificam nos fluxos contínuos. Não há mais suportes fixos. *Desaparecem ao toque delicado da pontinha do dedo em minúsculas teclas.* (cf. SANTAELLA, 2007)

Tudo se transmuda: nosso modo de conceber o tempo, o espaço, de aprender, sentir, agir, viver. Afetividade, sensualidade, emoções, sentimentos e crenças sofrem o impacto de uma nova percepção do mundo e do homem.

A INSTABILIDADE AFETA TODAS AS LINGUAGENS

Temas emergem no ciberpunk (tipo de ficção científica). Geram-se seres etéreos, de puro software, por meio da inteligência artificial. Veja-se o filme *Matrix* e seus games correspondentes.

...as histórias de ciberpunks estão alocadas num

futuro próximo, em que é descrita uma sociedade caótica, governada por gangues de ruas, corporações multinacionais e mercenárias, todos residindo em megacidades, nas quais extrema pobreza e alta tecnologia coexistem (SANTAELLA, 2007, p. 36)

Há uma biologização da tecnologia e criou-se até o termo *pós-humano* (hibridismo de humano com algo maquínico), corpos que são agora feitos de máquinas, imagens e informações. Isto coloca em questão a própria ontologia do sujeito humano. Está em crise a noção de subjetividade e de identidade. As tecnologias se constituem como prolongamento da mente e do corpo.

A primeira tecnologia simbólica está no próprio corpo humano: a tecnologia da fala. O ser humano é ser simbólico, ser de linguagem.

BAUMAN afirma: ter uma identidade fixa é hoje, nesse mundo fluído, uma decisão de certo modo suicida.

Nos ambientes do ciberespaço o cibernauta pode desenvolver identidades múltiplas.

A comunicação móvel, por meios digitais apresenta incertezas tanto interpessoais quanto organizacionais. Não é uma comunicação linear ou mesmo reversiva entre emissor e receptor; a relação entre o *eu* e os *outros* fica ambígua, gerada pelo anonimato, para a construção múltipla de *eus* e *identidades* nos espaços plurais, que a internet propicia.

A identidade consistente e engessada sustenta-se sobre uma noção de sujeito e de subjetividade herdada do cartesianismo, já em crise na filosofia e na psicanálise.

A imagem do eu apresenta-se como produto de uma construção imaginária (cf. SANTAELLA, 2007)

Novas imagens de multiplicidade, heterogeneidade, flexibilidade, fragmentação, dominam as noções sobre subjetividade e identidade humana. Nossos discursos são alimentados pelas miragens do ego unificado como se houvesse uma separação nítida entre a realidade fora do ciberespaço, habitada por seres unos e a rea-

lidade simulada do ciberespaço, na qual proliferam identidades múltiplas. (cf. SANTAELLA, 2007).

Em todos os tempos, os artistas tem sido chamados a despertar os sentidos, regenerar a sensibilidade perceptiva, mas cada período da história produz sua própria linguagem, liderados pelas vanguardas, que rompem os padrões estabelecidos. O conhecimento e a linguagem nova envelhecem rapidamente.

MARX sonhava com o fato de que em uma sociedade justa, qualquer um poderia ser pintor. Acrescentaríamos: escritor, poeta ou artista.

Hoje, estão disponíveis a qualquer usuário de um computador, recursos que permitem a qualquer pessoa realizar experimentos com cores, luzes, linhas, formas, figuras, sons, texturas, animações e hipertextos, podendo criar em todos os campos.

“Trata-se da linguagem digital, que permite a produção e a manipulação de quaisquer elementos de texto, som e imagem, incluindo uma ampla margem de possibilidades, tais como a gráfica e a animação computadorizadas, imagens digitalizadas, esculturas cibernéticas, shows de laser controlados e manipulados por computador, eventos cinéticos, telecomunicacionais e muito mais”. (SANTAELLA in **Estéticas tecnológicas: novos modos de sentir**, 2008, p. 38)

Há uma “estetização das ferramentas informacionais”, diz Manovich (citado por Santaella, p. 37)

Manovich chama de *infoestética* a nova estética informacional e Santaella, de *linguagens líquidas* (cf. idem, p. 38).

Desaparecem os obstáculos materiais que bloqueavam os fluxos de signos e a troca de informações.

Cada vez menos, a comunicação está confinada a lugares fixos e os novos modos de telecomunicação têm produzido transmutações na estrutura de nossa concepção cotidiana do tempo, do espaço, dos modos de viver, aprender, agir, engajar-se, sentir, reviravoltas na nossa afetividade, sen-

sualidade, nas crenças que acalentamos e nas emoções que nos assomam (idem, p. 38).

Pode-se ser escritor, por exemplo, produzindo um texto coletivo, em que cada “escritor” pega a “deixa” do escritor anterior e continua o texto, deixando-o em aberto para o escritor seguinte.



REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro : Jorge Zahar Ed., 2001.

SANTAELLA, Lúcia. **Linguagens líquidas na era da mobilidade**. São Paulo : Paulus, 2007.

A Autora é doutora em Comunicação e Semiótica, mestre em Teoria Literária, Psicóloga clínica, Educadora e Pesquisadora da Pós-Graduação em Literatura e Crítica Literária da PUC-SP.